

O PRIMEIRO CICLO DA BORRACHA NO ACRE: DA FORMAÇÃO DOS SERINGAIS AO GRANDE COLAPSO

FIRST CYCLE OF ERASER IN ACRE: OF FORMATION OF RUBBER TO GREAT COLLAPSE

Carlos José de Farias Pontes¹

1. Docente de História do Colégio de Aplicação (CAP) da Universidade Federal do Acre (UFAC).

* Autor correspondente: alan.silus.ashtook@hotmail.com

Recebido: 30/11/2014; Aceito 10/12/2014

RESUMO

O presente artigo aborda o período histórico amazônico denominado Primeiro Ciclo da Borracha (1880-1920), como os fatores econômicos responsáveis pela procura das terras da região acreanas, uma vez que a terra era ainda inexplorada e havia grande quantidade de *hevea brasiliensis*; os primeiros desbravadores da região, que viam na imensidão de selva possibilidades de riqueza; a mão de obra utilizada, culminado na grande oferta proporcionada pela migração nordestina, onde a seca e a miséria proporcionou a expulsão de milhares de sertanejos; a vida nos seringais, desde a chegada até o trabalho no corte e a tentativa ilusória de enriquecimento; a relação trabalhista entre seringalistas e seringueiros, sobretudo o trabalho árduo com as regras estabelecidas pelo sistema de aviamento; a infraestrutura dos seringais; a *Belle Époque* amazônica, a produção de borracha nos seringais do Oriente e o declínio do Primeiro Ciclo da Borracha no Acre.

Palavras-chave: Acre, Borracha e Primeiro Ciclo.

ABSTRACT

This article discusses the historical period called Amazon Prime Rubber Cycle (1880-1920), as the economic factors responsible for the demand of land in Acre region, since the land was still unexplored and there was loads of *hevea brasiliensis*; the first explorers in the region that saw the immensity of jungle wealth of possibilities; the labor used, culminating in great offer provided by the Northeast migration, where drought and poverty provided the expulsion of thousands of country people; life in the rubber, from arrival to work in cutting and the illusory attempt enrichment; the employment relationship between rubber tappers and tappers, especially the hard work comas rules established by the dispensing system; the infrastructure of the rubber; the *Belle Époque* Amazon, rubber production in the rubber plantations of the East and the decline of the First Rubber Cycle in Acre.

Keywords: acre, Eraser and First Cycle.

1. INTRODUÇÃO

Compreende-se por Primeiro Ciclo (ou surto) da Borracha no Acre o curto período

que vai do ano de 1880 até 1920. Em 1878 chegou ao Acre (ou melhor, na região que em 1903 se tornaria o Território Federal do Acre) o colonizador João Gabriel Carvalho e Mello,

que se fixou nas terras já chamadas de Boca do Acre, onde passou a produzir borracha, acompanhado em seguida por outros seringalistas. A década de 1910 foi marcada pela produção da borracha no Oriente, sobretudo, a borracha inglesa produzida na Malásia, onde timidamente produziu 3 toneladas em 1900, contra mais de 26 mil toneladas produzida na Amazônia brasileira, passou a produzir em 1913, 47 mil toneladas contra 38 mil toneladas de borracha brasileira, sendo esse o ano que marca a quebra do monopólio brasileiro na exportação da borracha em detrimento da produção internacional.

Todavia, as três décadas de produção da borracha antes do fim do monopólio foram marcadas por verdadeira epopeia que vai desde a chegada dos primeiros desbravadores, até a formação dos seringais, migração nordestina, responsável pela mão de obra nos seringais amazônicos/acreanos, sistema de aviamento, que institui a relação patrão/empregado ou seringalista/seringueiro e os acontecimentos responsáveis pelo aumento da produção asiática da borracha, culminando no declínio da produção brasileiro.

Dessa forma, esse artigo trata, entre outros aspectos, de como os primeiros seringais acreanos começaram a se formar a partir da segunda metade do século XIX, concomitantemente com a fase monopolista do capital, do imperialismo, e da ascensão de

novas potências mundiais, como Alemanha, Estados Unidos e Japão; da importância da mão de obra nordestina na produção gumífera e os motivos que fizeram milhares de nordestinos deixarem sua terra natal para embrenhar-se na selva amazônica, sendo esse o principal motivo do “descartamento” da mão-de-obra indígena; da compreensão de que o Seringal é a unidade econômico-social de produção da borracha na Amazônia e está dividido em sua forma física e social, onde fisicamente, o seringal representa o conjunto de árvores produtoras do látex, as seringueiras e socialmente, ele representa o elo de ligação entre o patrão-comerciante, chamado de Seringalista, homem rico, dono do seringal, e os seus empregados-fregueses, os Seringueiros, homens pobres, responsáveis pelo extrativismo da borracha, compreender o funcionamento do Sistema de Aviamento, responsável por criar um mecanismo de controle baseado na produção da borracha e por fim, os motivos que ocasionaram o declínio do Primeiro Ciclo da Borracha no Acre.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DOS DESBRAVADORES DA REGIÃO ACREANA À FORMAÇÃO DOS SERINGAIS

O progresso tecnológico da indústria química, siderúrgica e elétrica, durante o

Artigo de Revisão Review Article

período denominado Segunda Revolução Industrial, acelerou a procura da borracha e a transformou de simples “droga do sertão” em produto estável de grande aplicação em escala industrial, sobretudo indústrias norte-americana e europeia. A crescente indústria automobilística e o uso dos pneus de borracha aceleraram a procura de áreas produtoras do látex, que passa a ser componente de primeira instância nas indústrias internacionais [1].

Assim, está pronto o cenário para a exploração da borracha amazônica/acreana. A formação dos primeiros seringais e o povoamento da região acreana por brasileiros compete a alguns pioneiros, entre eles: João Rodrigues Cameté, Manuel Urbano da Encarnação, Serafim da Silva Salgado, Willian Chandlles, Romão José de Oliveira, João Gabriel de Carvalho e Melo entre outros [2].

A fama da riqueza de héveas no Purus começava a atrair os pioneiros não mais com o espírito de aventura ou curiosidade, que caracterizou o desbravamento inicial, porém om o objetivo econômico definido. Já agora a colonização se fazia dentro do preceito sociológico que exprime o estado d’alma do legítimo imigrante: “o espírito de aventura, quando tem como sustentáculo uma fusão de sentimentos teológicos, econômicos e políticos, encaminha a ação humana a realizações extraordinárias” [2].

No entanto, compete-nos fazer uma diferenciação entre os desbravadores, pois, houve aqueles que vieram em expedições oficiais para reconhecimento da região e aqueles que vieram com o objetivo de

colonizar, explorar a borracha, povoar de fato a região acreana.

As expedições oficiais tiveram grande importância, uma vez que cabe a elas, o reconhecimento topográfico e cartográfico da região; iniciaram a partir da segunda metade do século XIX, sendo financiadas pelo Presidente da Província do Amazonas, que havia conquistado a emancipação da Província do Grão-Pará em 1852. Nesse mesmo ano o presidente da província, João Batista Tenreiro Aranha, com intuito de reconhecimento da área e contato com a Bolívia através dos rios Purus e Juruá, organizou a primeira expedição para a região acreana [3].

A expedição foi chefiada pelo Diretor de Índios João Rodrigues Cameté, que navegou mais de dois meses pelo rio Purus, em busca de conhecer as riquezas locais. Cameté navegou de canoa até o Sepatini e só não continuou a viagem em decorrência da vazante do rio. Cameté instalou às margens do Purus, um posto militar e fundou o sítio Porticatuba, objetivando “domar” indígenas e deixar mais segura aquela região para os futuros navegantes [1, 3].

Além dos interesses econômicos da própria região, o presidente da província do Amazonas também tinha interesse em descobrir se havia uma ligação fluvial entre os rios Purus e Madeira. O interesse da província estava na facilidade que iria encontrar para transportar produtos e gado de Manaus para

Artigo de Revisão Review Article

toda essa região. Para esse feito, no mesmo ano de 1852, João Batista contratou o pernambucano Serafim da Silva Salgado para uma segunda expedição. Salgado, acompanhado de doze soldados e doze índios que lhe serviam de guias, subiu o Purus, chegando a percorrer mais de 2.250 milhas, chegando até a boca do rio Aquiri (mais tarde Acre), onde encontrou várias malocas dos índios Cocamas. Na viagem percebeu que o rio tornava-se cada vez mais estreito e obstruído a ponto de não poder mais prosseguir, mesmo navegando em estreitas canoas, o que o levou a concluir que não havia comunicação fluvial entre os rios Purus e Madeira [3].

Salgado voltou à Manaus em novembro de 1852 com a notícia da falta de passagem entre os dois rios. Cabe a Salgado o título de descobridor do rio Acre, uma vez que foi este quem navegando pelo Purus descobriu esse importante afluente.

Apesar da melancólica descoberta de Salgado, a província do Amazonas não se deu por satisfeita e organizou no governo do presidente Manoel Clementino Carneiro Cunha, no ano de 1861, uma terceira expedição exploratória. Essa foi entregue sob a chefia de Manoel Urbano da Encarnação, que havia sido nomeado para o cargo de Diretor de Índios do Purus em 1853. Além da insistência de se encontrar a ligação entre os rios Purus e Madeira, o presidente objetivava

também encontrar uma rota, por terra ou rio, que chegasse à Bolívia para comprar gado [2].

Manoel Urbano, o Negro Bom, como ficou conhecido pelos índios que “amansou” sem uso da violência, subiu o rio Purus e penetrou o rio Ituxi, depois voltou ao Purus e penetrou o rio Acre, percorrendo um percurso de 2.800 milhas. Enquanto explorava o rio Acre, chegou ao rio Mucuí, por terra, e alcançou o rio Madeira [1-3].

Além de perceber a riqueza da abundância de seringueiras na região acreana, Manoel Urbano contatou e comerciou com povos indígenas de diversas etnias entre eles os Manchineri, relatando que estes nativos, bastante evoluídos, plantavam, fiavam e teciam o algodão, confeccionando roupas e redes semelhantes às usadas pelos bolivianos que desciam o rio Madeira [2].

Manoel Urbano tornou-se um exímio conhecedor das terras e dos rios acreanos, chegando a ser guia para outros desbravadores da região, como a expedição do engenheiro João Martins da Silva Coutinho em 1862. Com essa expedição o governo amazonense pretendia ter informações científicas do vale do Purus, como hidrografia, geologia, fauna, flora, e povos indígenas que habitavam a região para encontrar os meios mais eficazes de exploração. Além do auxílio imprescindível de Manoel Urbano da Encarnação, João Coutinho contou com o apoio do botânico alemão Gustav Wallis [2].

Artigo de Revisão Review Article

A expedição não alcançou todas as metas, pois não encontrou uma passagem entre os rios Purus e Juruá, mas produziu importantes informações a respeito do Vale do Purus.

Em 1864 chegou à região acreana o geógrafo inglês William Chandless, enviado não pelo governo do Amazonas, mas pela *Royal Geographical Society of London*, para que este verificasse o que havia de concreto na comunicação fluvial entre os rios Purus e Madeira. Chandless estudou com bastante esmero a região e descobriu que este não nascia nos Andes, logo o Madre de Dios não era sua fonte. Além disso detalhou o relevo, o clima, a hidrografia, a vegetação, a fauna, a vazante e os costumes de alguns nações nativas. Apesar do avanço não conseguiu encontrar uma passagem para a Bolívia [2].

Chandless adentrou o rio Juruá, e teve sua viagem interrompida, em 1867, em decorrência de um ataque dos índios ‘Nawa’ 346 milhas acima da boca do Tarauacá, no local posteriormente denominado seringal Ouro Preto, pouco acima da foz do Riozinho da Liberdade. Apesar de interrompida a viagem, Chandless ganhou um rio em sua homenagem, o rio Chandless, onde fica a área de proteção ambiental do atual Parque Estadual Chandless nos municípios de Manuel Urbano, Sena Madureira e Santa Rosa do Purus [2,5].

Em 1875, uma expedição comandada pelo primeiro Tenente da Armada Augusto

José de Souza Soares objetivava encontrar a comunicação entre o Madre de Dios e o Purus. Chandless havia afirmado que não existia essa passagem, mas, o governo amazonense continuava com a dúvida. O Tenente partiu com a missão de ultrapassar a região já desbravada por Chandless, devendo explorar as nascentes do Iaco e de outros afluentes do Purus. Coletou diversas informações sobre a região, mas não achou a pretendida ligação com a Bolívia, comprovando que os estudos de Chandless estavam corretos [2].

As expedições oficiais financiadas pela Província do Amazonas para o rio Juruá, também iniciaram em 1852, sendo a primeira chefiada pelo navegante Romão José de Oliveira. A principal meta de Romão era atrair e pacificar índios, que demonstravam grande resistência ao entrarem em contato com os “brancos”. Romão percebeu a navegabilidade do Juruá, subindo até a altura do rio Mineroá, onde fez durante o percurso contato com diversos povos indígenas [2].

Em 1857 foi realizada a mais importante expedição no Vale do Juruá para o governo amazonense. A expedição comandada pelo navegante João da Cunha Corrêia, a mando do então presidente da Província do Amazonas, João Pedro Dias Vieira, realizou um estudo minucioso do Vale do Juruá, como clima, vegetação, hidrografia, povos indígenas [5].

Prosseguindo esta fase inicial de reconhecimento e estudo da nova região, em 1864-1865, o geógrafo e engenheiro inglês, delegado da Sociedade de Geografia de Londres, William Chandless, em missão oficial científica de seu país, subiu o Purus até aos seus últimos formadores, bem como Acre até às proximidades de suas nascentes, completando, assim, a tarefa de Manuel Urbano e a de João da Cunha Corrêa, uma vez que, em 1867, explorou da mesma maneira o Juruá [5].

Todo o reconhecimento da região foi importantíssimo para o desenvolvimento exploratório que estava por vir. Entretanto, para conhecermos o processo pioneiro da formação dos seringais acreanos, não podemos deixar de citar o cearense de Uruburetama, João Gabriel de Carvalho e Melo. Este pioneiro saiu da então Província do Ceará, indo estabelecer-se em Belém, capital da Província do Grão-Pará, em 1847. Em Belém, João Gabriel adquiriu conhecimento sobre a floresta amazônica, principalmente, o extrativismo do látex. Não tardou muito subiu os rios da bacia amazônica e encontrou a partir de 1852 os opulentos seringais que margeavam o Purus. João Gabriel volta para Belém e depois ao Ceará, onde organiza com parentes, amigos, vizinhos, a viagem para a Amazônia [2].

Em 6 de fevereiro de 1878, João Gabriel, homens e mercadorias, a bordo do vapor Anajás, partem de Belém para a região Acreana, chegando em 3 de março de 1878. Depois de passar pela foz do Acre, subindo um pouco mais o rio, João Gabriel, aporta em terra firme, em Boca do Acre, estabelecendo

ali o primeiro seringal do Acre, com o nome de Anajás [2,5]

João Gabriel Carvalho e Mello, à frente de seus homens, ergueu barracas para sinalizar o primeiro seringal organizado e estável da região acreana. Ele já conhecia bem o local, os índios, a floresta de ótimas seringueiras. Punha no empreendimento, além da fé e da energia, seu “saber de experiências feito”. E assim se consagra o primeiro colonizador do Acre. (...) Para edificar um reino de borracha. Esse ato de coragem, de arrojo de João Gabriel, valeu ao Brasil levar suas fronteiras muito além, aos verdes horizontes de ninguém, que afinal se juntaram ao País, através da posse produtiva: ou *do uti possidetis* [2]

João Gabriel e seus homens foram os primeiros “brabos” (aqueles que não conhecem a floresta amazônica, seus perigos, seus mistérios e sua dinâmica) do Acre, mas depois do bravo pioneirismo, muitos seguiram o mesmo caminho, ou o mesmo rio, a ponto que no final deste século (XIX) já havia uma média de 400 seringais no Vale do Juruá e 100 no Vale do Acre [2].

A partir do feito heróico de João de Carvalho, outros empresários passam a se estabelecer às margens dos rios Purus, Juruá, Acre, Tarauacá e Iaco, que eram considerados “rios bom de leite”. Os rios são tão importantes para produção e transporte da borracha que Leandro Tocantins cita diversas vezes em suas obras que na Amazônia “o rio comanda a vida”. É o rio comandando o modo de produção dos seringais; os negócios no barracão, a lida dos seringueiros na produção gumífera [4].

2.2 A MÃO DE OBRA UTILIZADA NA PRODUÇÃO GUMÍFERA

Os indígenas representaram a primeira mão-de-obra para produção do látex, uma vez que eles foram também os primeiros a utilizarem. Muitos dos exploradores da região, diretor de índios e seringalistas exploraram diversas nações indígenas no corte da seringueira. Os índios eram “mestres do meio”; conheciam como ninguém a floresta e suas riquezas; eram conhecedores do uso de seus produtos e por isso foram os primeiros “guias” de seringalistas e cientistas na região [4].

Apesar da mão-de-obra indígena ter sido pouca utilizada no extrativismo da borracha, o seu conhecimento a respeito das leis naturais da floresta amazônica, contribuiu de maneira decisiva para o empreendimento gumífero, pois foram as diversas etnias nativas acreanas que ensinaram as técnicas necessárias para o funcionamento da empresa seringalista.

No Acre, os nordestinos começam a chegar a partir de 1877, em grande contingente, sendo esse o principal motivo do “descartamento” da mão-de-obra indígena. Alguns seringalistas viam os índios com certo desprezo, rotulando os índios de vadios, malandros, manhosos, e por isso preferiam a mão-de-obra nordestina que era abundante [6].

Mas isso não quer dizer que o elemento nativo não foi importante ou não contribuiu para a formação dos seringais. Se este não participou efetivamente da coleta extrativista, mas contribuíram significativamente com elementos culturais, com seus costumes, modos de ser e viver, maneiras de respeitar as leis da natureza e sua tecnologia, que foram amplamente apreendidas pelos “brabos” que chegavam desprovidos de conhecimento sobre a região [3,4,6].

Dessa forma, percebemos que a mão-de-obra que será de fato utilizada nos seringais acreanos será a dos nordestinos. Vários fatores foram responsáveis pela presença maciça de nordestinos no Acre a partir de 1877. Importante lembrar que o maior contingente humano chegado ao Acre era composto por homens e mulheres que saíam das áreas sertanejas do Ceará, mas havia também do Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte [7].

São vários os motivos da onda migratória: 1º A seca: Em 1877 uma grande seca assolou o Nordeste brasileiro. Rios e lagos secaram; a terra virou torrão; as plantas e os animais morreram, fazendo a miséria tomar de conta daquela região. Depois de muito tempo sem chuva muitos entenderam que se continuassem ali iriam morrer, e de fato foi verdade, muito gente morreu dada às secas no sertão nordestino. 2º O preconceito: Os nordestinos poderiam ir para outras

Artigo de Revisão Review Article

regiões do Brasil. A região centro-sul havia a grande produção cafeeira, que precisava de trabalhadores a todo instante, principalmente após a abolição da escravidão em 1888. Mas, os nordestinos entendiam que o trabalho nos cafezais era atividade de escravos; a Amazônia representava liberdade; ele seria praticamente um autônomo, já que ganharia de acordo com o que produzisse. 3º A propaganda: A propaganda no Nordeste era intensa; cartazes eram espalhados nas praças das cidades, mostrando a facilidade que era enriquecer na Amazônia. Havia cartazes que demonstravam homens tirando dinheiro diretamente da seringueira. A propaganda enganosa contribuiu de forma significativa para a emigração nordestina. 4º A ilusão: O “boom” da borracha era visto como riqueza certa e fácil. A grande maioria acreditava nas propagandas empreendidas pelas Casas Aviadoras e pelos seringalistas nos centros de Fortaleza, Recife e Natal. Essa leva de trabalhadores famintos buscavam algo, uma esperança, uma alternativa pra uma vida mais digna. Iludir-se não era difícil. 5º A ruptura: Apesar de ser uma prática comum no Nordeste do século XIX, o fato dos trabalhadores rurais ficarem praticamente presos à terra de seus patrões, esses romperam a resistência, visto que não era possível manter pessoas morando em suas terras sem condições de plantação ou criação de animais [8,9].

Todos esses fatores foram responsáveis pela chegada de grande leva de nordestinos na região acreana; em maior ou menor intensidade todos contribuíram para a formação populacional do Acre.

Mesmo quando nos referimos à procura pela região amazônica, vale ressaltar que a região mais procurada era sem dúvida, o Acre. As causas desse interesse estão em diversos fatores, entre eles: 1º Busca pelos Altos-Rios: Nas regiões dos Baixos-Rios as árvores produtoras de látex começavam a dar os primeiros sinais de esgotamento. 2º Aumento da demanda: As indústrias internacionais aumentavam os pedidos, fazendo com que aumentasse consideravelmente a produção da borracha. 3º abundância de seringueiras: O Acre era uma região riquíssima em *hevea brasiliensis*. 4º Abundância de terras: As terras do Acre pertenciam à Bolívia que não a ocupava; os seringalistas tomavam posse de acordo com a potencialidade de explorá-las; havia sempre vaga para a exploração desses seringais. 5º Rede fluvial acessível: Nos Altos-Rios havia facilidade de acesso e trafegabilidade fluvial. 6º Falta de espírito colonizador: Os nordestinos não tinham pretensão de habitar o Acre, colonizar a terra, fazer da região a sua habitação definitiva. A tendência era buscar uma região próspera, passar ali um período, enriquecer rapidamente e voltar para a terra natal [7,8].

2.3 ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DOS SERINGAIS

Para os emigrantes a viagem à floresta era temporária, não havia o pensamento de permanência, de ocupação efetiva da terra, logo, eles não se consideravam emigrantes, estavam apenas em busca de recursos, de uma vida melhor. A pretensão era alugar seus serviços por um período, o mais curto possível, apenas o tempo suficiente para conquistar a fortuna oferecida. Mas, na prática, para a grande maioria, voltar à terra de origem transformou-se em utopia [5].

A realidade encontrada era outra, bem diferente daquela oferecida nas praças dos grandes centros nordestinos. O sistema de extrativismo e produção da goma elástica ao invés de libertação e riqueza representou escravidão e mais pobreza.

O nordestino depois da longa viagem, que levava até três meses dentro de um vapor ou gaiola, chegava ao seringal sem ter nenhum conhecimento sobre o seu funcionamento. A felicidade inicial era substituída por uma angústia que durava a vida inteira. O “mundo verde” era diferente de tudo que ele conhecia e o sistema ali imposto o massacrava e o aprisionava, às vezes, para sempre. Para muitos o sonho do enriquecimento fácil no “mundo verde” transformou-se em desgraça e aprisionamento no “inferno verde” [5].

O seringal é formado basicamente por Barracão, Colocação de Seringa, Estradas de Seringa, Tapiris e Defumadores.

O Barracão é a residência do seringalista, mas também é o armazém, onde há todos os produtos necessários para o corte da seringa e as utilidades de uso diário do seringueiro e sua família. É através das compras no barracão que o seringueiro se endivida e acaba ficando preso ao seringal. Desde que chega para cortar a seringa, antes mesmo de dar o primeiro corte, o seringueiro recebe facas de cortar seringa, tigelinhas, machados e machadinhas, espingardas, facões, pólvora, farinha, arroz, feijão, açúcar, sal, café, carne-seca, aguardente, roupas, porongas, querosene, entre outros. Importante lembrar que todos esses produtos eram repassados para o seringueiro com valor de mercado superfaturados. Além disso, os bilhetes de viagem, desde a saída do Nordeste ao Pará, e do Pará para os seringais era cobrados. Tudo ficava anotado na caderneta. [2-5,8]

Do local de origem até os seringais, os nordestinos migrantes recebiam uma ajuda de custo para suas despesas básicas pessoais que correspondiam às suas necessidades em termos de alimentação, roupas, transporte (passagem), cigarros, bebidas e outros objetos de uso. Tal fato configurava a formação de uma relação de trabalho, em que o trabalhador ficava previamente endividado, pois arcava com todas as despesas referentes a viagem, as quais eram debitadas em conta para posterior crédito do investidor [3].

Assim, muitos seringueiros ficavam desiludidos desde a hora que chegavam, pois nem começavam a trabalhar e já estavam com um grande saldo devedor. O objetivo era claro e óbvio: o seringalista fazia com que o seringueiro mantivesse sempre uma relação de dependência, pois, o trabalhador só poderia comercializar com o barracão, seja na venda da borracha produzida, seja na compra dos produtos necessários à sua permanência no seringal [5].

Depois de receberem os produtos suficientes para iniciar a produção eram levados para as Colocações de Seringa. Dentro do seringal há várias colocações, ou seja, várias semi-unidades, responsáveis pela produção da borracha. Em cada colocação, dependendo do seu tamanho, mora uma ou mais famílias [4,5].

Cada colocação possui certo número de Estradas de Seringa, sendo uma média de seis. As estradas são os “caminhos” onde se encontram as seringueiras, e cada estrada possui uma média de duzentas seringueiras. Mas, esses valores são aproximados, medianos, podendo ter números diferentes, dependendo da localidade [1,4,5].

Todas as colocações de Seringa estão interligadas com o barracão, que é também a Sede do seringal, localizada sempre à margem dos rios, por estes representarem o único acesso de comunicação e transporte da borracha. É pelos rios que todos os produtos chegam aos seringais e é por estes que a

borracha chega aos centros de Belém e Manaus [1,4,5].

Uma vez que o seringueiro chegava à sua colocação (o termo origina-se da palavra “colocar”, já que quando chegavam para cortar seringa eram “colocados” em uma determinada área)construíam suas barracas, conhecidas como Tapiri, simples choupanas feitas com produtos da floresta, como paxiúba, palmeira característica e abundante na região, para o assoalho e paredes, e palha para a cobertura [8].

Próximo ao tapiri ficava o Defumador, local onde o seringueiro transforma, através da defumação, o látex em pélas de borracha. Depois do corte, quando o leite jorra da árvore de seringueira para dentro das tigelinhas presas à árvore, o seringueiro deposita todos os conteúdos no balde e leva para casa. Antes que esse leite “coalhe” ele defuma, em um trabalho lento, cauteloso, onde depois de horas de fumaça, o leite toma a forma de uma bola grande e achatada, é a péla de borracha [1.3-5,8].

Para o bom funcionamento dos seringais havia diversos trabalhadores que estavam diretamente ligados ao seringalista e à produção da borracha. Na ordem hierárquica, encontramos no topo o Seringalista, proprietário do seringal; depois do seringalista o Gerente. Este é grande conhecedor do sistema e de todo funcionamento do seringal; é homem de confiança do seringalista e pode substituí-lo

em sua ausência. Abaixo do gerente está o Guarda-livros, conhecedor da escrita e da ciência contábil, este é responsável pela caderneta, onde anota as contas de todos os seringueiros. É também uma pessoa de confiança do seringalista. Estes três: seringalista. Gerente é guarda-livros são os responsáveis pela manutenção administrativa do seringal [4].

Mas, há ainda outros trabalhadores em um seringal: o caixeiro, atendente do armazém, pesa, mede e controla a entrada e saída dos produtos do barracão. O mateiro tem grande importância, pois faz o reconhecimento das áreas florestais que possuem seringueiras. Os caçadores, mariscadores (pescadores) e canoieiros complementam a dieta alimentícia dos barracões. Por último citamos um grupo mediador, os comboeiros, responsáveis pelo transporte de mercadorias em comboios de homens, burros ou bois, até as colocações mais distantes [8].

2.4 O SISTEMA DE AVIAMENTO

Para garantir o bom funcionamento dos seringais foi criado um mecanismo de controle baseado na produção da borracha, em uma cadeia de repasse desse produto. Esse mecanismo ficou conhecido como sistema de aviamento, tendo como origem a palavra aviar, que quer dizer trocar, ou seja, um comércio baseado em troca de produtos.

Assim, os seringueiros produziam a borracha e entregavam aos seringalistas, estes por sua vez, vendiam a borracha para as Casas Aviadoras de Belém e Manaus; as Casas Aviadoras vendiam a produção para as Casas Exportadoras, também localizadas em Belém e Manaus, e por último as Casas Exportadoras vendiam a borracha para os centros industriais dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e França [4].

Este mecanismo de controle tinha como elemento propulsor a exploração dos seringueiros. Estes eram explorados de todas as formas. A borracha que ele repassava para o seu patrão-seringalista tinha um valor muito baixo, o que fazia com que ele ficasse sempre endividado. Alguns conseguiam ter “saldo”, isto é, pagar toda a dívida anotada na caderneta e ainda ter dinheiro para receber. Alguns recebiam, outros eram assassinados a mando dos seus patrões logo que deixavam o barracão [4].

Depois de entregarem sua produção ao seringalista, o Guarda-livros fazia as contas, quitava a dívida anterior e lhes entregava mais produtos. Geralmente essa negociação era baseada apenas na troca: borracha e produtos. Muitos seringueiros nunca viam o dinheiro mesmo [4,5].

Os seringalistas vendiam a borracha para as Casas Aviadoras (ou Casas de Aviamento) de Belém e Manaus. Essas Casas eram grandes armazéns que vendiam tudo que fosse necessário para o abastecimento dos

Artigo de Revisão Review Article

seringais. As casas compravam a borracha e vendiam esses produtos para os seringalistas, mas como o preço da borracha era elevado, os seringalistas ganharam muito dinheiro, eram homens ricos, que mantinham suas famílias nos grandes centros do Brasil e da Europa. Esbanjavam fortuna; acendiam charutos com cédulas de contos de réis; desfrutavam dos luxos e dos prazeres em cafés, teatros e cabarés; roupas eram mandadas para serem lavadas na Europa [3,5].

As Casas Aviadoras vendiam a borracha para as Casas Exportadoras, que eram espécies de bancos. Empresas riquíssimas, responsáveis pela venda da borracha amazônica/acreana para a indústria internacional [3-5].

(...) Aviar, na Amazônia, significa fornecer mercadorias a crédito. O “aviador” de nível mais baixo fornecia ao extrator certa quantidade de bens de consumo e alguns instrumentos de trabalho, eventualmente pequena quantidade de dinheiro. Em pagamento, recebia a produção extrativa. Os preços dos bens eram fixados pelo “aviador”, o qual acrescentava ao valor das utilidades fornecidas juros normais e mais uma margem apreciável de ganho, a título do que se poderia chamar “juros extras”. Esse “aviador”, por seu turno, era “aviado” por outro e também pagava “juros extras” apreciavelmente altos. No cume da cadeia estavam as firmas exportadoras, principais beneficiárias do regime de concentração de renda por via do engenhoso mecanismo dos “juros extras” e do rebaixamento do preço local da borracha. A cadeia era simplificada quando o seringalista se tornava um empresário de certa envergadura. Neste caso, ele próprio se constituía um “aviador” de primeira linha, ligando-se diretamente, por outro lado, às casas “aviadoras” de Belém e Manaus e, por outro lado, ao seringueiro extrator, seu “aviado” ou “freguês” [4].

Na relação social dentro dos seringais, o seringalista era tido como senhor absoluto, ele representava o poder e era a própria lei. Sua autoridade deveria ser sempre mantida e respeitada. É a partir dessa visão da manutenção da ordem que o seringalista torna-se o coronel, aquele que luta diariamente para impor a sua vontade, os seus desejos. O coronel busca sempre fazer com que as coisas saiam do seu jeito, caso contrário, o seringal pode ir à falência, e por ser ele também um nordestino que lutou para fugir da pobreza, irá lutar com toda sua energia e disposição para não deixar que o seringal deixe de produzir [1,3-5,8].

É desse desejo de não perder, de fazer com que as coisas aconteçam do seu jeito que os seringalistas vão criar os Regulamentos dos Seringais, um conjunto de normas criadas pelos próprios seringalistas, sem valor jurídico, mas com valor de aplicabilidade que servirá como instrumento opressor dos seringueiros [8].

Esses regulamentos foram tão praticados que nos seringais acabaram tendo força de lei. Regulamentavam, por exemplo, que os seringueiros deveriam aceitar as regras do regulamento para viverem bem; fazer transações somente com o barracão de seu seringal; não praticar produção agrícola, não criar animais entre outros [8].

A produção alimentícia era permanentemente proibida, pois esta atividade provocaria uma dupla diminuição da renda do

patrão: o tempo que o seringueiro “perderia” plantando poderia estar extraíndo látex; e produzindo seu próprio alimento deixaria de comprar do barracão. O seringueiro deveria dedicar-se em tempo integral á atividade extrativista [7].

A vida do seringueiro era extremamente difícil e todas as contas eram feitas sempre a favor do barracão. Mas, os seringueiros também encontraram formas de resistência, para fugir dos mandos e desmandos dos coronéis, como, por exemplo, colocando areia e/ou barro dentro das pélas de borracha e vendendo e comprando produtos do regatão, comerciantes que viajavam por diversos seringais, oferecendo produtos por um preço mais baixo que o barracão e pagando pela borracha um preço mais justo [10].

Além da gana dos seringalistas, os seringueiros enfrentavam também os perigos da selva, da solidão e da desilusão. Tiveram que enfrentar os perigos do contato com animais selvagens e peçonhentos, como onças, jacarés e cobras; doenças tropicais como a malária; e muitas vezes carência alimentícia, que os tornavam frágeis, suscetíveis as mais variadas doenças.

Leandro Tocantins explica que havia grande precariedade alimentar, tanto na qualidade quanto na quantidade de víveres, onde um seringueiro recebia para um período de três meses: 3 paneiros de farinha de água, 1 saco de feijão, outro pequeno de sal, 20 quilos

de arroz, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 litros de fumo, 20 gramas de quinino. Só complementavam essa alimentação quando conseguiam pagar as contas, onde conseguiam algum enlatado no armazém, ou com caça e pesca, esporadicamente [3,7,8].

2.5 DA *BELLE ÉPOQUE* AO DECLÍNIO DO PRIMEIRO SURTO D BORRACHA

A importância da borracha para a economia do Brasil foi expressiva, já que no final do século XIX a borracha era responsável por 25,7% dos valores das exportações brasileiras, ficando em segundo lugar, sendo somente superada pelas exportações de café (52,7%).

O *boom gumífero* propiciou às capitais das províncias do Grão-Pará e Amazonas, respectivamente, Belém e Manaus, um desenvolvimento urbano sem precedentes na história. A riqueza promovida pela borracha permitiu que essas cidades participassem do espírito eufórico da *Belle Époque*. A *Belle Époque* (bela época) refere-se ao triunfo burguês no momento em que se notava grande desenvolvimento material e tecnológico. O comércio expandia-se pelo mundo e integrava-se com regiões de vários pontos do planeta.

O fausto da borracha colocou as cidades de Belém e Manaus na ordem do dia. Essas cidades cresceram, floresceram e se destacaram no meio da imensidão da floresta.

Artigo de Revisão Review Article

Belém e Manaus passaram tornaram-se importantes centros de negócios, de viagens, de comércio. Belém, ao final do século XIX, era uma cidade do tamanho de Madri (Espanha). Havia ali grandes avenidas, estradas, jardim, edifícios, casas bancárias, grandes armazéns, estradas de ferro, linhas de bonde, sistemas de telégrafo e telefonia, e teatros; foi na prosperidade alavancado que o Teatro da Paz foi construído em 1878 [11].

Manaus ganhou contornos de cidade moderna a partir de 1892, no governo de Eduardo Ribeiro. A capital do Amazonas ganhou iluminação elétrica, redes de esgoto, linhas de bonde, pavimentação, sistema telegráfico subfluvial, praças, clubes, cafés, com mesinhas nas calçadas, a exemplo de Paris; aliás, Manaus recebeu o nome de “Paris das Selvas”. O Teatro Amazonas, inaugurado em 31 de dezembro de 1896, representa todo o esplendor da capital amazonense, onde as óperas entoadas agitavam a vida social.

No entanto, o monopólio da borracha brasileira foi quebrado a partir de 1913, quando o Brasil vendeu 44 mil toneladas de borracha. Mas o que causou o declínio do primeiro surto da borracha? Vejamos:

Em 1871 a *Royal Botanic Gardens de Kew*, uma famosa instituição britânica de estudos na área de botânica, contratou o inglês Henry Alexander Wickham (1846-1928), para furtar sementes de seringueira no Brasil. Wickham aceitou a proposta e desembarcou em Santarém (Pará), onde

durante quase quatro anos, enquanto selecionava as melhores sementes, estabeleceu-se como seringalista e fazendeiro, mas não obteve sucesso [4].

Em 1876, Wickham voltava para Londres contrabandeando 70 mil sementes de *Hevea brasiliensis*, um caso grandioso do que hoje nós chamamos de biopirataria. No porto, quando interrogado sobre os produtos que transportava em cestos trançados cobertos com folhas de bananeira, Wickham explicou apenas que eram espécies exóticas para os jardins da rainha Vitória, monarca do Reino Unido [4].

A vitória de Wickham representou a derrota dos seringalistas brasileiros. Das 70 mil sementes transportadas, 2,6 mil germinaram. Essas mudas foram então transplantadas no sudoeste Asiático, principalmente no Ceilão, Sri Lanka, Indonésia e Malásia. Os frutos foram excelentes e em menos de 40 anos, a exportação da borracha brasileira estava completamente comprometida [4,8].

Mas, de fato, o que comprometeu a produção da borracha brasileira? Antes de mais nada a produção em larga escala e custos baixos. A produção racionalizada da borracha produzida na Ásia custava bem menos que a borracha brasileira. Enquanto as seringueiras na Amazônia eram dispostas de forma irregular, ora próximas uma das outras ora a quilômetros de distância, na Ásia havia

Artigo de Revisão Review Article

distância exata de quatro metros, onde a coleta era feita com automóveis [6].

O duro golpe foi sentido pelos seringalistas e conseqüentemente pelo governo brasileiro em 1913, quando o Oriente produziu cerca de 48 mil toneladas de borracha, contra 44 mil da produção brasileira. Assim, o ano de 1913 marca o fim do monopólio da produção gumífera brasileira. Mas, o Brasil continuou produzindo borracha, embora em menor escala. Para se ter uma ideia do declínio da produção de borracha no Brasil observemos que em 1921 os seringais do Oriente produziam 1,5 milhão de toneladas de borracha, contra apenas 20 mil toneladas da Amazônia [4,8].

Entretanto, a estagnação da economia regional deve-se também a falta de visão empresarial e governamental, uma vez que os “barões da borracha” ficaram “presos” exclusivamente a exploração extrativista e não pensaram em nenhuma alternativa econômica para o desenvolvimento regional. A crise da produção da borracha tendo como conseqüência imediata a estagnação também das cidades. Há ainda a participação (ou a falta dela) dos governantes que não incentivaram a criação de projetos administrativos que visassem um desenvolvimento sustentado da atividade de extração do látex ou de qualquer outra atividade na região [4,6,8].

Importante lembrar que em 1912 o presidente do Brasil, Hermes da Fonseca,

criou a Superintendência de Defesa da Borracha, onde apresentou um projeto de Defesa da Borracha ou de valorização da Amazônia com atenção voltada a plantios racionais de seringueira, perante a queda no preço da borracha no exterior. Para se ter uma ideia da baixa de preços causada pela concorrência internacional, o Brasil que chegou a vender sua borracha para a Europa por U\$ 180/kg (cento e oitenta dólares o quilo) foi obrigada a baixar para U\$ 40/kg (quarenta dólares o quilo) em média a partir da crise de 1913. E mesmo assim foi incapaz de concorrer com os preços da borracha produzida pelos ingleses na Ásia [4,8].

O plano de Fonseca baseava-se na melhoria de transportes, investimento em obras sanitárias, incentivos financeiros para produção racional de seringueiras e isenção de 50% dos impostos. Mas, em 1913, dezessete meses depois o plano foi abandonado por causa da precária situação financeira do país.

Assim, muitos seringais foram abandonados e muitos seringueiros puderam voltar ao nordeste; muitas vezes tão pobres do que quando partiram para a Amazônia acreditando no sonho do enriquecimento fácil. Muitos seringalistas não aceitaram a nova condição e acabaram cometendo suicídio. O fausto gumífero chegara ao fim na década de 1920. Para muitos, uma história que não tinha volta.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou abordar o pequeno período histórico amazônico denominado Primeiro Ciclo da Borracha (1880-1920), sendo este um período ‘pequeno’ no que concerne ao tempo, mas grandioso no que se refere aos fatos históricos, políticos, econômicos e sociais ocorridos dentro do ‘curto’ espaço de tempo.

Vimos que os fatores econômicos responsáveis pela procura das terras da região acreana (inicialmente pertencente à Bolívia) e inexplorada ainda, dar-se-á pela grande quantidade de *hevea brasiliensis* da região, uma vez que o látex produz um líquido branco, látex, “lite”, que servia ao crescimento industrial automobilístico e pneumático crescente na Europa e nos Estados Unidos. Os primeiros desbravadores da região, que viam na imensidão da floresta abundante riqueza em potencial, não mediram esforços para concretizar a exploração e coleta do tão procurado látex. As dificuldades com a seca e a propaganda ilusória, aliados ao sonho do enriquecimento fácil proporcionou a mão de obra abundante para a Amazônia/Acre, tendo no Nordeste a região responsável pela oferta da mão de obra. Importante entendermos a relação trabalhista entre seringueiros e seringueiros, onde através do sistema de aviação, as regras trabalhistas foram estabelecidas de forma tal, que o seringueiro torna-se um empregado

quase escravizado, de acordo com Euclides da Cunha, numa referência ao trabalho árduo e a dificuldade de pagar as dívidas contraídas pelos seringueiros junto ao Barracão. Certo é que a fortuna oriunda dos seringais só não melhora a vida dos seringueiros, mas eleva e enriquece a vida dos seringueiros, aviadores, banqueiros, industriais. É essa riqueza que insere as cidades de Belém e Manaus no contexto da *Belle Époque*, fazendo com que se tronem centros urbanos modernos em plena floresta amazônica. Mas, a riqueza desse ciclo, encerra-se a partir de 1910, dada a produção de borracha no Oriente, decorrente do “roubo” de sementes de seringa realizado pelo inglês Henry Alexander Wickham, plantadas em seringais no oriente, sobretudo na Malásia, quebrando o monopólio brasileiro e diminuindo a partir de 1913 drasticamente a produção brasileira.

4. REFERÊNCIAS

- [1] CALIXTO, Valdir de Oliveira. **Plácido de Castro e construção da ordem no Aquiri**. FEM. Acre, 2003.
- [2] TOCANTINS, Leandro. **Formação histórica do Acre**. Governo do Estado do Acre. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1979.
- [3] BEZERRA, Maria José. **Invenções do Acre – de Território a Estado – um olhar social...** São Paulo. USP. 2005.
- [4] SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História econômica da Amazônia: 1880-1920**. São Paulo: T. A. Queiroz. 1980.

Artigo de Revisão Review Article

- [5] RANZI, Cleusa Maria Damo. **Raízes do Acre**. Rio Branco, AC: EDUFAC, 2008.
- [6] BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização**. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012.
- [7] GODOY, PRT., org. **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- [8] SOUZA, Carlos Alberto Alves. História do Acre.
- [9] COSTA, J. Craveiro. **A conquista do deserto ocidental**. São Paulo: Nacional, 1940.
- [10] SILVA, Mauro César Rocha da. **Razões da sustentabilidade do Governo da Floresta: uma releitura dos aspectos políticos e econômicos do desenvolvimento do Estado do Acre**. Rio de Janeiro, ICHS/CPDA/UFRRJ, 2011.
- [11] SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle Époque (1870-1910)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de filosofia e Ciências Humanas, programa de Pós-graduação em História Social d amazônia. Belém, 2008.